



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)

A Frente-Popular em marcha COMITES DE ENLACE: EIS A NOVA ÉTAPE DA FRENTE

O entusiasmo à volta da Frente-Popular. Os actos espontâneos de organização de Comités de Enlace. Um apêlo da CIS para se forjar a Frente-Única operária. O "AVANTE!," do mês passado esgotou-se.

A Frente Popular em Espanha

É inegável para todos que a Espanha está vivendo um momento histórico. A união de todos os elementos revolucionários da pequena burguesia aos dois grandes partidos do proletariado, socialista e comunista, e à organização sindical poderosíssima que é a União Geral dos Trabalhadores, conseguiu que a Espanha, de baluarte do fascismo mais sangrento e criminoso, passasse à luta anti-fascista dum modo consequente e revolucionário. Da Espanha de Lerroux e Gil Robles que matou, na revolução das Astúrias, milhares de operários fora de combate, do regime criminoso que por excesso de «nacionalismo» mandou vir os facinoras da Legião estrangeira e os mouros selvagens do Tercio para a repressão das Astúrias — passou-se à acção anti-fascista declarada que vá vencer nos seus redutos a reacção capitalista e jesuítica dos grandes potentados espanhóis.

Uma grande vitória como a que acaba de ser obtida em Espanha, não tem apenas o valor eleitoral que se lhe possa atribuir. Não é o simples valor quasi passivo, da deposição de uma lista da Frente Popular nas urnas que permitiu a vitória da Espanha revolucionária e anti-fascista. As vitórias só se conseguem revolucionariamente, e foi o ímpeto revolucionário de milhões de anti-fascistas espanhóis que conteve os manejos reaccionários que procuravam e procuram, cada vez mais, impor ao povo espanhol uma ditadura que obriga milhões de pessoas à fome, prende dezenas de milhares, tortura e assassina milhares.

Não foi a ida pacata à assembleia de voto deitar a sua lista que permitiu ao espanhol anti-fascista a vitória dos seus ideais. Não se vence assim.

Foi ir à assembleia de voto, sob a ameaça de despedimento do trabalho, depois de resistir ao suborno; na perspectiva sempre de ser assassinado pelos bandos de fascistas que deu a vitória.

Foram as imponentes manifestações de massas antes e depois das

(Continua na 2ª página)

A FRENTE-POPULAR CRIA RAIZES

A notícia da Frente Popular entusiasmou de tal forma as massas anti-fascistas que por todo o país se fala nisso. A Frente Popular veio dar um ânimo novo a todos os anti-fascistas, não só por saberem que a sua união e a mobilização das mais vastas camadas do povo destruirão o fascismo, como também pelo conhecimento da experiência da Frente Popular em Espanha e em França.

Os próprios jornais reaccionários a sôdo do fascismo, não escondem a sua preocupação. Tanto o «Diário da Manhã» como o «Notícias» e o «Século» espumam de raiva, em face do agrupamento das forças anti-fascistas, na Frente Popular. Até Salazar, no discurso proferido na Assembleia Nacional, lançou uma «nuvem de fumo», pretendendo negar o avanço das forças progressivas nos vários países onde o fascismo tenta impôr o seu domínio. Nesse discurso provocador, e a que o chefe do governo espanhol — Azaña — respondeu no jornal «POLÍTICA», Salazar afirmou «que a hora não era das direitas nem das esquerdas», mas sim dele e da sua camarilha.

Em vários pontos do país, nomeadamente em Lisboa, na região do Sado e do Oeste, temos notícia de se terem constituído imediatamente Comités de Enlace, da Frente Popular. Isto dá bem a ideia do entusiasmo com que foi acolhida a notícia da constituição da Frente e, ao mesmo tempo, do desejo por parte das massas de lutarem contra o fascismo e por um governo de verdadeira democracia popular.

Ao mesmo tempo que a Frente Popular cria raízes a Comissão Inter-Sindical lança um apêlo a todas as organizações operárias para que se crie uma CGT única dos trabalhadores portugueses. Entre os operários anarquistas, que constituem depois da Comissão Inter-Sindical, um dos sectores ideológicos mais importantes no seio da classe operária, manifesta-se uma tendência favorável à unificação

sindical, sobre as bases apresentadas pela CIS.

Este facto vem reforçar as posições da Frente Popular e estamos convencidos de que em breve a acção das forças operárias e anti-fascistas arrastarão atrás de si as camadas mais profundas da população do país.

Neste momento sabemos que prossegue a discussão na Frente Popular acerca do seu programa. Estamos convencidos que em breve ele será apresentado publicamente. Reservamos para então a publicação do projecto do programa apresentado pelo Partido Comunista e o programa aprovado pela Frente Popular.

Agora trata-se de dar corpo à ideia. A Frente Popular precisa de se estabelecer organicamente em cada empresa e em cada localidade. Sem Comités de Enlace que representem as forças anti-fascistas de cada ponto, sem acção destes para arrastarem atrás de si a grande parte da população laboriosa, não é possível falar com seriedade numa luta eficaz contra a ditadura salazarista.

O Partido Comunista empregará a fundo os seus recursos para ajudar a Frente Popular na criação de Comités de Enlace, e para agitar as suas directivas.

A Frente Popular esmagará o fascismo. Mas antes disso, e para isso, necessita existir como força organizada e necessita arrastar atrás de si as massas populares.

A Frente Popular, quanto a nós, não deve funcionar como uma espécie de «caixa de surpresas», em que, pela virtude «mágica» de portentos, tudo apareça feito, independentemente da acção das massas populares.

Isto porque a experiência já nos ensinou a descreder dessas virtudes. A última e mais importante obra desse género — e essa é da Bíblia — foi a de Jeovah, que criou o mundo em sete dias. Mas depois disso, como já tinha constatado Guerra Junqueiro, não fez mais nada...

PARA A GUERRA!!

Sargentos cabos e soldados, marinheiros, funcionários, camponeses, operários, pequenos lavradores e todos os proletários do mundo a «Guerra Imperialista» aproxima-se! Não tenhamos dúvidas de que a burguesia infame e agonizante, tenta lançar as massas proletárias na carnificina, para assim encher os seus cofres insaciáveis. Torna-se necessário camaradas, cerrar fileiras unindo-nos para acabar de vez com a guerra. Sabeis qual o papel que nos pertence desempenhar a nós filhos do Povo? É preciso não esquecer-lo!

Os oficiais são os filhos da burguesia que somente estudam para depois de agaloados ensaiarem-nos nas fileiras a assassinar o próximo, com a cruel mentira de defendermos a pátria.

Vossos pais e irmãos morrem de fome nas vossas terras natais enquanto vós, soldados, escarceais enquanto pela burguesia, pela falta de instrução que tendes, vides guardar-lhe as costas e defender os assassinos do Povo pela fome, pela miséria e pela metralha.

SOLDADOS!

É preciso que na guerra que se aproxima as espingardas que vos forem confiadas saibam cumprir o papel que vos pertence desempenhar para o bem de toda a humanidade. Sabeis qual o papel que cumpre a todos nós proletários? É virar para traz as espingardas contra a camarilha de oficiais que nos comandam e implantar um governo do Povo saído das massas trabalhadores. Os imperialistas japoneses, italianos, alemães, e Salazar, assassino do povo português, pretendem aniquilar a URSS, país aonde o governo é composto de proletários e camponeses e não existe por esse motivo a fome!

Em todo o mundo aumenta a revolta contra o capital e nós, portugueses, não devemos ficar de braços cruzados. Povo português, a Frente Popular formada por todos os partidos da esquerda e anti-fascistas, é já um facto. É pois necessário ingressar nela para, unidos, combatermos os assassinos do Povo português, compostos pelo clero

(Continua na 6ª página)

Avante, sem HESITAÇÕES!

Noutros artigos deste número do «Avante!» fornecemos algumas notícias sobre o entusiasmo com que foi acolhida a constituição da Frente Popular e os actos espontâneos de organização das massas laboriosas. Aqui e ali, por esse país fora, surgem COMITÉS DE ENLACE da Frente Popular. Todo esse entusiasmo demonstra o interesse das vastas camadas da população do país pela criação de um forte baluarte do antifascismo, que atire pela «borda tora» com este regime de tirania e de exploração desenfreada.

A experiência e as victórias da Frente Popular, especialmente em França e em Espanha, já não deixam dúvidas a ninguém sobre o caminho a seguir. Republicanos e socialistas, anarquistas, comunistas etc., todos aqueles que conscientemente analisam a situação que atravessamos, não hesitam em dar o seu apoio à Frente Popular e em depositar nela as suas melhores esperanças.

O desejo ardente de lutar e de caminhar mais depressa, da parte das massas anti-fascistas, choca, no entanto, com a marcha vagarosa dos organismos dirigente da Frente. O trabalho a realizar em todo o país é enorme e exige uma acção decidida. Se a Frente Popular menosprezasse as esplêndidas condições que existem actualmente, se não actuasse imediatamente para dar corpo, em todo o país, ao desejo das massas de se organizarem dentro da Frente, se, ao mesmo tempo, esta não iniciasse um trabalho de grande fôlego para arrastar na sua esteira a grande parte da população do país, a causa cuja bandeira agora hasteamos sofreria um rude golpe.

A marcha tem que prosseguir sem hesitações. Exigem-no as massas exigem-no cerca de um milhão de presos, de deportados e de perseguidos anti-fascistas.

Sabemos que em breve aparecerá a público o programa, completo, do que pretende realizar a Frente Popular, uma vez derrubado o salazarismo. Desta trincheira desde já prometemos a sua maior popularização. Tudo faremos para explicar o seu significado.

Mas, quanto a nós, não bastam declarações escritas ou faladas, nem a difusão de muitos milhares de manifestos. É preciso DAR CORPO à ideia que hoje nos unia. É preciso que as massas encontrem pontos de apoio por todo o país. Um ideal político para fructificar precisa de um mínimo de organização. Sem isso só o inimigo tem a lucrar. A nossa passividade só serve para alimentar a agonia do monstro que nos oprime.

Ha que caminhar, pois, sem hesitações.

Caminhar e depressa. Assim o exige a população anti-fascista de todo o país.

Subscrição pró revisão do processo Bento, Sousa, Fogaça e Seleiro

Transporte.....95\$00
Judicatio do Ars. Mar.....100\$00
Victor Falcão.....2\$40

NOTÍCIAS DE ANGRA

O tenente Toledo—carcereiro tarado e inquisidor dos prêso

De entre os vários tiranêtes que o «Estado-Novo» deita mão para levar a efeito a sua «política do esfôrto» — traduzza-se por «política do crime e das atrocidades» — avultam certas figuras que o «Avante!» não deve deixar de apresentar aos seus leitores.

Esses tiranêtes constituem legião e não nos é permitido, portanto, falar de todos ao mesmo tempo, motivo porque os desmascaramos a pouco e pouco.

Ocupa-nos hoje, a par das últimas notícias chegadas ao nosso conhecimento e vindas de Angra, o desmascaramento de um tarado que exerce funções de comando na Fortaleza de S. João Batista: o tenente Toledo, espirito doentio que resume maldade, e cuja existência unicamente se compraz a causar o sofrimento daquêis que têm a infelicidade de caírem sobre a sua pata.

Ele tem sido uma das «almas mais danadas» na prática de atrocidades contra os duzentos deportados em Angra. O instinto de maldade é superior às suas desequilibradas faculdades mentais, e isto vem mais uma vez patentear o quilate dos guardiões dos «sagrados princípios da moral e da família» que o Estado-Novo traz ao seu serviço.

Desgraçada mulher e filhos, se é que os possui, que têm de suportar as brutalidades desequilibradas e a linguagem coez de tal «chefe de família»!

O tenente Toledo poderá ser excelente «carne para canhão» para uso dos seus mandatários e pagadores, mas o que é indistinctível — os factos atestam-no bem! — é que se manifesta como um péssimo executor dos «princípios orientadores» da moral cristã do Estado-Novo.

Nenhum cristão — entendemos neste caso por cristão, aquêles que sinceramente acatam e aprovam a moral cristã — seria capaz de suportar a visão dos seus actos ou o sibilar das suas palavras torpes.

Tal chefe...tais subordinados. O exemplo, vindo «de cima», encoraja os esbirros, cabos e soldados que estão sob o seu comando.

Já noticiámos anteriormente o recrudescimento do terror na Fortaleza de S. João Batista. As notícias que dali nos chegam confirmam, infelizmente, a marcha ascendente dos actos de terror.

Concorre grandemente para este agravamento do terror, o facto de existirem actualmente na Angra seis esbirros da Policia de Informaçôes, saídos daqui para esse efeito.

Assim, o agente Sousa já teve ocasião de revelar os instintos característicos da corporação a que pertence. No dia 28 de Fevereiro, passado, o anarquista Carlos Ferreira, estando com os seus camaradas numa pequena cêrca, enquanto eram limpas as casernas, dirigiu-se a um agente para lhe solicitar água para beber. Imediatamente o rispido esbirro levou a mão à pistola, em atitude ameaçadora, o que levou aquêle camarada a inquirir: — «Então eu venho pedir-lhe água e V. oferece-me um tiro?»

Por este «acto de rebelião» foi Carlos Ferreira castigado com o estágio num calabouço.

A provocação é bem patente e confirma-se com a «acusação» do agente «de que aquêle prês» o tinha tentado agredir e voltar os outros contra ele». Francisco Cachapuz, ao recolherem os prêso à caserna, solicitou autorização para falar ao comandante, a propósito de um caso urgente. Foi-lhe respondido que casos urgentes só consideravam os de doença, ao que Cachapuz contestou, alegando que desejava referir ao comandante, a injustiça que acabava de ser praticada contra Carlos Ferreira.

Pois tanto bastou para que levassem F. Cachapuz, de castigo, para junto de C. Ferreira. Vinte e quatro horas após o que relatamos, foi vítima de nova provocação o prês André dos Santos Oliveira, que foi castigado sob a falsa inculpação de fazer sinais da janela para a família de um prês.

No mesmo dia o deportado Custódio da Costa tomava um banho de luz, receitado pelo médico, em uma cêrca da Fortaleza, quando começou a chover. Em face disso solicitou ao agente Sousa, que o guardava, para se retirar, como era lógico e humano. Pois o Snr. Sousa negou-se a isso e obrigou aquêle camarada a suportar meia hora de chuva e, não contente com isso, levou-o de castigo para a célebre «Poterna»!

Joaquim Pedro e Manuel Pessanha, anarquistas, também foram castigados com a permanência na «Poterna» por motivos igualmente provocatórios. Joaquim Pedro permaneceu mais de 5 dias na «Poterna» que constituiu caso único na trágica história dos deportados de Angra! Como protesto contra o arbitrário e deshumano castigo declararam estes camaradas a greve da fome e só ao cabo de nove dias os foram buscar para a enfermaria!

Interrogado sobre este e outros casos o novo comandante afirma que tinham sido decididos pelo velho comandante e que ele não usaria deles, de futuro.

Os factos esclarecer-nos-ão até que ponto tais declarações são verdadeiras, habituados como estamos a outras falsas «declarações de princípios».

Abilio Gonçalves, anarquista, foi enviado para o «Calejão» porque na roupa que ele enviara para a lavadeira foi encontrado um papel com apontamentos de uso pessoal. Um outro camarada, comunista, foi ameaçado de levar coronhadas... por coisa alguma!

Por subscreverem uma repesentação ao comandante militar de Angra, foram castigados os camaradas Carlos Ferreira, anarquista, Júlia Fogaça e Silvino Fernandes, comunistas.

Estes são os últimos factos de que temos conhecimento. Por aqui se vê a gravidade da situação em Angra.

Tal situação reclama o enérgico protesto de todas as pessoas bem formadas moralmente, pois em caso contrário o Estado-Novo levará à frente os seus criminosos desígnios.

Os carrascos dos nossos camaradas, a começar pelos ministros e a acabar nos verdugos, directores da Fortaleza, devem ficar sabendo

A Frente Popular em ESPAÑA

(continuado da 1.ª página)

eições que fizera n' recuar os bandidos dos grupos pistoleiros, foi o serviço de ordem das eleições estabelecido pelas próprias massas que impediam o menor ataque dos fascistas; foi, sobretudo, o apoio decidido das organizações operárias políticas e sindicais que fizeram recuar o fascismo e deram à luta dos anti-fascistas a força revolucionária sem a qual se não vence.

A Espanha revolucionária das Astúrias não podia ficar esmagada. Os seus milhares de mortos, as dezenas de milhares de orfãos e viúvas os 30.000 presos políticos e sociais exigiam justiça vingadora e protecção.

Por isso, na mente de todos os que em de 16 de Fevereiro iam depôr o seu boletim de voto ou montavam a guarda às assembleias e das ruas, se agitavam três palavras de ordem luminosas e justíssimas: LIBERDADE PARA OS 30.000 PRESOS! READMISSÃO DOS EXPULSOS DO TRABALHO POR MOTIVOS REVOLUCIONARIOS! PROTECCAO A'S VITIMAS E JUSTICA POPULAR DOS RESPONSAVEIS DA REPRESSION ASSASSINA DE ASTURIAS!

Todas três se encontram a caminho de resolução. De trinta mil presos só uma minoria continua na prisão, anda que com regimen melhorado, em virtude de escriptos legalistas do governo de Azaña que o parlamento desvanecerá em breve. Os outros estão já em liberdade. Os expulsos do trabalho estão quasi todos readmitidos, se bem que só os expulsos de certa data em diante. Há uma forte opposição dos partidos e organizações proletárias a essa data-limite e é quasi certo que se obterá a total readmissão do pessoal despedido por motivos políticos. A protecção às vítimas da repressão que já era feito apesar de todos os rigores fascistas, pelas organizações operárias, pelo Socorro Vermelho Internacional e pela criação da Liga Pró-Infancia (para os filhos dos mortos), está a caminho de ser concedida pelo estado ao mesmo tempo que a prisão dos responsáveis pela chacina de Outubro, se iniciou pela prisão do general Ochoa, o carrasco das Astúrias.

A Frente Popular espanhola tem na sua frente um vasto programa que cumprirá.

A Frente Unica proletária reúnindo os esforçados partidos comunista e socialista, e da União Ger. l. dos Trabalhadores, será a guarda vigilante da obra da Frente Popular contra os ataques fascistas e a desagregação que estes procuram causar nos organismos da esquerda republicana que a constituem.

que as massas laboriosas do país estão contra todas as arbitrariedades e contra os criminosos castigos que estão sendo applicados deshumanamente aos 200 deportados em Angra.

Envi i os vossos protestos escritos e cobertos de «assinaturas», a v' ministros e carcereiros! Agitai por toda a parte a situação dos deportados em Angra!

No «paraiso» SALAZARISTA

Os lavradores de TANGIL (Monsão) atravessam uma grande crise CASAS QUE PERTENCEM HA MAIS DE UM SEculo A UMA FAMILIA TEM SIDO POSTAS EM PRAÇA para pagamento das contribuições, que este ano SÃO AINDA MAIS ELEVADAS.

Alguns lavradores, para poderem efectuar o seu pagamento, sujeitaram-se a vender o milho a 10%00 cada 25 litros, embora sabendo que mais tarde terão de pagar mais caro a aquele de que vierem a precisar para o seu sustento.

Em MORAIS (Macedo de Cavaleiros) os lavradores maldizem a sua sorte, com as PESADAS CONTRIBUIÇÕES e o azeite e o trigo a venderem-se por PREÇOS IRRISÓRIOS.

Os lavradores de SOUTO (Sabugal) atravessam uma DIFÍCILÍSSIMA CRISE. O centeio e o trigo não encontram compradores.

Em VIMIEIRO (Alentejo), os lavradores e agricultores veem-se em precárias circunstâncias por NÃO SEREM RECEBIDOS E PAGOS os trigos manifestados.

Os lavradores de POMARES (Pinhel) queixam-se amargamente da desvalorização dos géneros, cujo rendimento lhes NÃO CHEGA SEQUER PARA O PAGAMENTO DAS CONTRIBUIÇÕES.

Em ELVAS, para atenuar a crise dos trabalhadores rurais, que a prolongada invernia veio agravar, um grupo de lavradores e proprietários distribuiu 1.200 «sôpas», diariamente.

Em VALE DE SANTAREM, os lavradores resolveram distribuir um bôdo a 300 desempregados. Mas os lavradores, que ficaram, devido aos prejuízos infligidos pelo temporal, em mísera situação, não podem valer mais as vítimas do desemprego.

AZINHAGA — Devido a ter ficado sem efeito a idéa da criação provisória da «Sôpa dos Pobres», na Misericórdia desta localidade, foi uma parte dos géneros recolhidos para êsse fim, distribuída a 200 pobres.

FOLHOSA (Seia) — Durante o mês de Fevereiro, foram distribuídas, aos pobres, 145 sôpas.

AZARUJA — Foi feita uma distribuição de géneros aos vinte indigentes desta freguesia.

VALE DE PRAZERES — Continuam a ser feitas, SEMANALMENTE, distribuições de géneros alimentícios aos pobres.

CARDIELOS — NO MEZ PASSADO foram distribuídos géneros aos oito pobres desta freguesia.

ARRONCHES — Tem sido distribuída sôpa diária a trezentos operários sem trabalho.

ALVARO (Oleiros) Todas as semanas têm sido feitas, aos pobres, distribuições de bacalhau, arroz, feijão, etc..

(Do «Diário de Notícias» e «Seculo»)

NA URSS

MECANIZAÇÃO DA PADARIA

Existe actualmente na URSS um total de 400 cidades servidas por padarias mecanizadas, que produziram em 1933, 800 milhões de kilos de pão.

HIGIENIZAÇÃO DAS CIDADES

Foram incluídos no orçamento deste ano cento e cinquenta milhões de rublos para o embelezamento da grande cidade industrial de Dniepropetrovsk, na Ucrânia. Entre as grandes obras previstas, podem citar-se a instalação de parques públicos ao longo do rio Dniepr e a demolição de antigas casas.

FABRICAÇÃO DE NOVOS PRODUCTOS

Pela primeira vez na URSS, acabam de ser obtidos 210 quilogramas de cânfora para uso medicinal. Até aqui a cânfora era importada.

O CLUB ARQUIMEDES

O parque central de cultura e repouso Gorki organizou um club de nova espécie: o dos inventores — alunos das escolas primárias de Moscovo.

São os mais dotados entre os jovens inventores que dirigirão o club. Serão auxiliados por engenheiros e arquitetos.

O AMOR PELAS CRIANÇAS NA URSS

Começaram os preparativos da estação de verão na «cidade das crianças» do parque de cultura e repouso de Sokobuiki. Não longe daí, num pinhal, será organizada uma casa de repouso para 1.500 crianças. Os jogos ocuparão um lugar preponderante na «cidade infantil». Nos mais belos recantos do parque se encontrarão brinquedos e jogos: bicicletas e tricicles, xadrez, damas, bonecos, objectos de desporto: mais de duzentas espécies de brinquedos. Serão entregues aos visitantes da «cidade infantil» dez mil concessões, com o direito de os de mais de 6 anos poderem levar para casa, por um tempo fixado, brinquedos.

DEZ NOVAS HULHEIRAS

Foi feita entrega ao governo para serem dadas à exploração, dez novas hulheiras, com um total de 5.910.000 toneladas de carvão. São todas providas de máquinas modernas.

AUMENTA A CRIAÇÃO DO GADO

Em 1 de Janeiro de 1936 terminou o recenseamento do gado da U.S. Os resultados parciais já conhecidos indicam um crescimento do número de cabeças de gado que é de 4,9% para os cavalos, 18% para bois, 21,5% para ovelhas e cabras e 50,3% para os porcos. É provável que o balanço definitivo do recenseamento acuse, no conjunto da URSS, um aumento mais importante ainda.

UM NOVO CAMINHO DE FERRO

Iniciou-se a exploração do caminho de ferro de Kaganda ao lago Balcach. Esta linha de 500 km,

de extensão foi construída numa zona inteiramente desértica e destina-se a ligar a bacia hulheira de Korceiganda ao Balcaadstroi. Este é uma notável exploração de minerais, sobretudo cobre, em que a região do Balcach é riquíssima.

Em breve será posta em actividade uma imensa fundição que poderá tratar 42.000 toneladas de cobre por dia e excederá as maiores do mundo actualmente nos Estados Unidos.

ALTO-FORNO GIGANTE

Acaba de ser acêso, pela primeira vez, o 7.º alto-forno da fábrica Kirov, em Makéevka. Tem o volume de 1.163 metros cúbicos; a sua capacidade de produção é de 1.500 toneladas de fundição. Construído inteiramente nas fábricas soviéticas, este alto-forno representa os últimos progressos da metalurgia moderna.

O funcionamento é automático e os serviços auxiliares estão todos mecanizados. Com este alto-forno, a fábrica passa a ter a capacidade diária de fundição de 3.000 toneladas e torna-se uma das mais poderosas da URSS e da Europa.

A FÁBRICA DE TUBOS DE PERVOURALSK

Acaba de se terminar a construção da fábrica de tubos Novotrubni. As máquinas que já estão montadas fabricarão tubos de qualidade extra para a indústria de automóveis, tractores e outras.

O seu rendimento anual pode atingir 160.000 toneladas de tubos no valor de 50 milhões de rubles.

Acaba de ser posta a funcionar, em Asbeste (Ural), a primeira secção duma fábrica de amianto, cuja capacidade de produção será de 80.000 toneladas.

Obteve-se no combinado polimetalico de Ridder (Kazakstan), chumbo que apenas contém 0,0004% de impurezas. O chumbo de Ridder é, pois, superior aos chumbos europeus e pode substituir com sucesso, as melhores qualidades de chumbos americanos.

Acaba de fazer-se a montagem da quinta turbina, com uma potência de 12.000 kw, na central eléctrica de Grozny.

Uma nova fábrica de enriquecimento de minerais, com uma capacidade de produção diária de 30 toneladas, foi posta a funcionar nas minas de ouro de Avziane, nos arredores da cidade de Ufa.

O Conselho dos Comissários do Povo da URSS e o Comité Central do Partido, tomaram importantes decisões concernentes aos melhoramentos a introduzir na indústria de materiais de construção.

Confirme o plano, o valor da produção desta indústria, que empregará dois milhões de operários deverá atingir 32.400 milhões de rublos.

A produtividade do trabalho, segundo o plano, deve aumentar de 30%, e o custo dos trabalhos deve ser baixado de 14,5% em relação a 1935.

(Da «Moscovskaia Gazeta»)

A prosperidade ALEMÃ

«Segundo as estatísticas hitlerianas oficiais, os salários e ordenados passaram de 26 bilhões em 1932 e 1933 a 31 bilhões e 700 milhões em 1935. ISTO É UM AUMENTO DE 22%».

Por outro lado, e SEMPRE DE ORIGEM OFICIAL, anuncia-se que o número de trabalhadores, que se elevou a 15.800.000 no fim de 1935, era superior em 4 milhões ao número de Janeiro de 1933. ISTO É UM AUMENTO DE 33%».

Assim, se se compararem os dois resultados, vê-se que na realidade... oficial, os salários e ordenados dos trabalhadores alemães baixaram sensivelmente desde a instalação de Hitler no poder.

Demais o governo projecta para 1 de Abril uma nova redução geral de 5% nos ordenados e pensões dos funcionários.

Esta medida tornou-se necessária pelo estado precário das finanças do Reich.

Além disso, os representantes do comércio e da indústria SERÃO AUTORIZADOS A APLICAR NAS EMPRESAS PARTICULARES, O EXEMPLO DADO PELO ESTADO.»

A IMPRENSA NA URSS

«Os jornais não podem ser subornados aqui, sabe-se que eles não trabalham para interesses particulares, mas para o bem público. Por isso a sua autoridade é imensa. A tiragem da imprensa na Alemanha hitleriana DIMINUIU EM METADE, enquanto na URSS cresce de dia para dia. Antes da Revolução, a Rússia tinha 800 jornais com uma tiragem de 2 milhões de exemplares. Hoje, nós temos 10.000 jornais que tiram 40 milhões de exemplares. E a tiragem, se houvesse abundância de papel, poderia passar para o dobro.»

(Da entrevista do cam. Koltsov, redactor-chefe da «PRAVDA», com uma jornalista francesa)

A burguezia é obrigada a reconhecer a situação da URSS

No Boletim do Banco de Portugal (Capitulo — Comércio) lê-se o seguinte sobre a URSS:

«Dados estatísticos e comentários sobre a situação económica e financeira e especialmente do comércio externo da Rússia que se apresenta muito favorável.

«De facto as exportações nos 3 últimos anos foram superiores às importações em 450 milhões de rublos.

Por outro lado, as dividas da União baixaram sensivelmente de 1.400 milhões de rublos, em 1931, para 120 milhões em principios de 1936. A produção anual do ouro ultrapassa sensivelmente 100 milhões de rublos; como as dividas acumuladas durante estes últimos 4 anos atingem 270 milhões de rublo», as reservas de divisas do país elevam-se a uma cifra considerável.

«O acento económico da marinha mercante nacional tem contribuído também bastante para a situação económica da R. Soviética.»

ANIVERSARIO DA COMUNA DE PARIS

UM TREXO DE LENINE SOBRE A COMUNA

Em Memoria da Comuna

(PUBLICADO NA «RABOTCHAIA GAZETA» de Abril de 1911)

Já passaram quarenta anos desde a proclamação da Comuna de Paris. Como de costume, o proletariado francês comemorou com mitingues, e manifestações os artifices da revolução de 18 de Março de 1871. Nos últimos dias de Maio heirá novamente depôr coroas sobre a tumba dos comuneiros fusilados durante a horrível «semana de Maio», e jurar, mais uma vez, um combate sem tréguas até ao triunfo completo das suas idéias, até ao termo total da sua obra.

Porque motivo o proletariado, e não somente o proletariado francês, mas o de todos os países, honra nos artifices da Comuna de Paris, os seus precursores? Qual é a herança da Comuna?

A Comuna nasceu espontaneamente, ninguém a tinha preparado consciênte e metodicamente. Uma guerra desditosa com a Alemanha, os sofrimentos do cêreo de Paris, o desemprego forçado do proletariado, a ruína da pequena burguesia, a indignação das massas contra as classes superiores e as autoridades, que haviam dado provas de uma incapacidade total, uma fermentação confusa da classe operária, descontente da situação e que aspira a a outro regime social; a composição reaccionária da Assembléa Constituinte, que era um perigo para a república, tais eram os factos que, com alguns mais, se reuniam para empurrar a população de Paris para a revolução de 18 de Março. Esta revolução fez com que inopinadamente, passasse o poder das mãos da guarda nacional para as mãos da classe operária e da pequena burguesia, que se havia unido àquela.

Foi um acontecimento sem precedentes na história. Até aqui o poder tinha pertencido, geralmente, aos grandes detentores da terra e aos capitalistas, que quer dizer, aqueles que, apoiados no poder, constituíam aquilo a que se chama governo. Pois bem, após a revolução de 18 de Março, depois que o governo do senhor Thiers fugiu de Paris com as suas tropas, a sua polícia e os seus funcionários, o povo foi o dono da situação e o poder passou para o proletariado. Mas na sociedade actual, o proletariado, economicamente submetido pelo capital, não pode dominar politicamente sem romper as cadeias que o prendem ao capital. Eis porque o movimento da Comuna devia revestir inevitavelmente, uma cor socialista, que quer dizer, tratava de derrubar a dominação da burguesia, a dominação do capital, e de destruir os próprios fundamentos da sociedade actual.

De camêpo, este movimento apresenta-se misturado e confuso em extremo. Até os patriotas aderiram a êle na esperança de que a Comuna continuasse a guerra contra os alemães, conduzindo-a a bom

termo. O movimento era igualmente apoiado por pequenos comerciantes ameaçados de ruína, se não fosse prorrogado o pagamento dos vencimentos e dos alugueres (que lhes tinham sido recusados pelo governo e que, pelo contrário, lhes haviam sido concedidos pela Comuna). Por fim, o movimento beneficiou igualmente, desde o início, com a simpatia dos republicanos burgueses que temiam que a Assembléa Constituinte reaccionária (os «rurais», os implacáveis grandes detentores da terra) restabelecesse a monarquia. Mas o papel principal foi desempenhado pelos operários (sobretudo pelos artesãos de Paris), entre os quais se havia realizado uma activa propaganda nos últimos anos do Segundo Império, pertencendo, inclusivamente, muitos dêles à Internacional.

Os operários foram os únicos que permaneceram fieis à Comuna até ao fim. Os republicanos burgueses e os pequenos burgueses afastaram-se prontamente: — uns, espantados pelo caracter proletário, revolucionário e socialista do movimento; outros, quando o viram votado a uma derrota certa. Unicamente os proletários franceses sustentaram sem temor nem desânimo o SEU governo, somente êles combateram e morreram por êle, que quer dizer, pela causa da emancipação da classe operária, pelo melhor porvir de todos os trabalhadores.

Abandonada pelos seus aliados da véspera e sem nenhum apoio, a Comuna estava condenada à derrota. Tinha a burguesia francesa, todos os proprietários agrícolas, todos os elementos da Bolsa, todos os fabricantes, os grandes e os pequenos ladrões, todos os exploradores se alavam contra ela. Esta coligação burguesa sustentada por Bismark (que liberta 100.000 prisioneiros de guerra, franceses, para submeter o Paris revolucionário) consegue levantar os camponeses ignorantes e a pequena burguesia provinciana contra o proletariado de Paris e encerrar a metade da cidade num círculo de ferro (a outra metade estava bloqueada pelo exército alemão). Nalgumas grandes cidades de França: Marselha, Lyon, Saint Etienne, Dijon e outras, os operários lutaram, igualmente, de conquistarem o poder, de proclamarem a Comuna e de ir libertar Paris. Mas estas tentativas fracassaram rapidamente. E Paris, que em primeiro lugar tinha arvorado a bandeira da insurreição proletária, fica reduzida às suas próprias forças e condenada a uma derrota certa.

Para que uma revolução social possa triunfar são necessárias, pelo menos, duas condições: — o nível elevado das forças produtivas e a preparação do proletariado. Mas estas duas condições necessárias, faltaram em 1871. O capitalismo

francês estava ainda pouco desenvolvido e a França daquela época era, antes de tudo, um país de pequena burguesia (artesãos, camponeses, pequenos comerciantes, etc.). Por outro lado, não existia um partido operário, e a classe operária que, no seu conjunto, não tinha ao mesmo tempo um idéa muito clara dos seus fins e dos meios de alcançá-los, carecia de preparação e de treino adequado. Não havia uma organização politica, séria, do proletariado, nem sindicatos fortes nem sequer cooperativas...

Mas o que faltou, sobretudo, à Comuna foi o tempo, a possibilidade de se volver sobre os calcanhares e de abordar a realização do seu programa. Quando ainda não tinha lido tempo para lançar mãos à obra, o governo, que se encontrava em Versalhes, apoiado por toda a burguesia, abriu as hostilidades contra Paris. A Comuna viu-se obrigada, antes de mais nada, a cuidar da sua defesa. E até aos seus últimos dias, que ficam compreendidos entre 21 e 28 de Maio, não teve tempo de pensar noutra coisa.

De resto, apesar destas condições tão desfavoráveis, apesar da brevidade da sua existência, a Comuna pôde adaptar algumas medidas que caracterizam suficientemente o seu verdadeiro sentido e os seus fins. A Comuna instituiu o exército permanente, instrumento cego das classes dominantes, pelo armamento geral do povo; proclamou a separação da Igreja do Estado, suprimiu o orçamento de cultos, deu um caracter puramente laico à instrução pública e conseguiu desta forma assestar um golpe certo aos polícias de sotaína.

No domínio puramente social poucas coisas lhe foi possível realizar, mas estas revelam com suficiente clareza o seu caracter de governo do povo: o trabalho nocturno dos padeiros foi abolido; foi proibido o sistema de multas, esse roubo legalizado dos operários; por último, a Comuna promulgou o famoso decreto em virtude do qual, todas as empresas, fábricas e oficinas, abandonadas ou imobilizadas pelos seus proprietários, eram entregues às associações operárias com o fim de continuar a produção. E, para auxiliar o seu caracter autenticamente democrático e proletário, a Comuna decretou que o soldo de todos os funcionários e dos membros do governo não possessem ultrapassar o salário normal de um operário e, em nenhum caso, elevar-se acima de 6.000 francos anualmente.

Todas estas medidas mostram claramente que a Comuna constituia um perigo mortal para o velho mundo fundado sobre a servidão e a exploração.

Por isso, a sociedade burguesa não conseguiu dormir tranquila-

mente enquanto a bandeira vermelha do proletariado flutuava no Município de Paris. E quando, por último, as forças governamentais organizadas lograram lançar-se sobre as forças mal organizadas da revolução, os generais bonapartistas, batidos pelos alemães, mas bravos contra os seus compatriotas vencidos, os Rennenkampf e os Mellir-Zakolmski franceses, fizeram uma carnificina tal como nunca Paris havia conhecido. Cerca de 30.000 parisienses foram massacrados pela soldadesca desenfreada, outros 45.000 foram prêsos, muitos dos quais tiveram como consequência a honra de ser fusilados; milhares dêles foram enviados para os presídios, e outros milhares foram deportados. Em conjunto, Paris perdeu perto de 100.000 dos seus filhos e neste número estão incluídos os melhores operários de todas as profissões.

A burguesia esatva satisfeita. «Agora acabou-se o socialismo por muito tempo», dizia o seu chefe, o bandido sanguinário Thiers, depois do banho de sangue que acabava de oferecer com os seus generais, ao proletariado parisiense. No entanto os corvos burgueses gravavam insatisfeitos. Mas, apesar de tudo, seis anos depois do esmagamento da Comuna, quando um grande número, ainda, dos seus combatentes gemia no presidio e na deportação, o movimento operário já renascia em França. A nova geração socialista, enriquecida pela experiência dos seus maiores e de modo algum acobardada pela sua derrota, recolheu a bandeira caída das mãos dos combatentes da Comuna e levou-a avante, com mão firme e valorosa, aos gritos de «Viva a revolução social!» «Viva a Comuna!». E dois ou três anos mais tarde, o novo partido operário, mercê da agitação que havia levantado o país, obrigava as classes dominantes a concederem a liberdade dos «comuneiros» que jaziam nas prisões do governo.

A memória dos combatentes da Comuna não é somente venerada pelos operários franceses mas também pelo proletariado de todos os países, porque a Comuna não combatia por uma causa local, nem acanhadamente nacional, mas pela emancipação de toda a humanidade laboriosa, de todos os desherdados e de todos os ofendidos. Combatente avançado da revolução social, a Comuna disfruta de simpatias em todas as partes onde o proletariado sofre e luta. O quadro da sua vida e da sua morte, a imagem do governo operário que conquista e conserva durante mais de dois meses a capital do mundo, o espectáculo da luta heroica do proletariado e do seu sofrimento depois da derrota — tudo isto elevou a moral de milhões

Continua na 5ª pagina

O Manifesto da FRENTE POPULAR

Algumas dezenas de manifestos da Frente-Popular foram espatoados por todo o país. Foi com verdadeira avidez que as massas o leram, e foi com enorme interesse que receberam a notícia da constituição da Frente-Popular.

Não podemos, no entanto, deixar de registar algumas críticas a esse manifesto, nas páginas do «Avante» tanto mais que ao nosso encontro vêm outras críticas de alguns trabalhadores.

De uma maneira geral, o manifesto emprega uma linguagem pouco acessível, que não está ao alcance de todas as camadas da população. Também pensamos que a explicação da necessidade de lutar contra o fascismo é pouco concreta. Há na verdade factos sem conto, tanto no domínio da repressão e de terror, como no da exploração desenfreada das massas que deveriam, quanto a nós, figurar no centro da exposição.

A popularização da palavra de ordem de luta pela libertação dos presos, através do derrubamento da diladura salazarista merecia figurar no centro do trabalho em questão. Foi à volta da palavra de ordem de «Amnistia» que em Espanha se juntaram milhões de homens.

Finalmente, chamamos a atenção de que a Frente-Popular se formou porque só agora um grupo de homens cheios de boa vontade conseguiu estabelecer a plataforma que lhe serve de base.

Quanto a nós a explicação «histórica» da formação da Frente Popular está longe de corresponder à verdade. Nós pensamos em primeiro lugar, que a Frente Popular surgiu não como o fruto da «boa vontade» de «um grupo de homens», mas sim como consequência da vontade unânime do povo, quer republicano, quer anarquista, quer comunista, etc.. E, em segundo lugar, sublinhamos a experiência internacional, em especial da França e da Espanha, que mostrou a todos os anti-fascistas honestos portugueses, que o caminho único para derrubar o fascismo e atingir um governo de verdadeira democracia popular era a criação de uma ampla Frente Popular.

Conhecemos as razões alegadas e que levaram a Frente Popular a não subscrever os seus escritos com o nome de todos os organismos que a compõem, e lamentamos que essa atitude continue a suscitar dúvidas e confusões, caso não venha a ser modificada.

Eis os breves reparos que nos ocorre formular.

Subscrição permanente para o «Avante»

Transporte.....	401\$33
Prêso de Peniche.....	443\$50
Rosa Luxemburgo.....	60\$00
Stakanov.....	10\$00
Sultão.....	10\$00
Um engenheiro.....	5\$00
R. L.....	2\$50
Uma professora.....	5\$00
X I V.....	5\$00
Mágico.....	2\$00
De um grupo de leitoras.....	15\$00
A transportar.....	740\$35

O SOCORRO DE INVERNO

O SOCORRO DE INVERNO, coisa nova burla salazarista, teve um mérito: Indicar-nos de uma maneira concreta, numerosos a vista e imperfeitos, a extensão horrível da miséria a que o fascismo conduziu Portugal. Notícias, que os jornais dão como esta do «Século» de 27 de Janeiro mostram o que é o SOCORRO que Salazar magnanimamente deu ao povo «amigo de Portugal»: A importância de que Tomar dispõe para o «Auxílio aos Pobres no Inverno», nas suas 43 freguesias é de 40\$00 diários ou seja 3\$07 por cada freguesia.

Quanto ao benefício trazido pelo Socorro, só umas quantas terras têm

O Caso Petriani

Publica a «Batalha» órgão da Confederação Geral do Trabalho, no n.º 4 de Fevereiro do corrente ano, uma local sob o título de «Odisséia de Petriani».

Na mesma notícia se diz que Petriani é um anarquista emigrado para a URSS e se afirma que «a Rússia bolchevista esfarrapa o direito de asilo... e entrega aos esbirros de Mussolini um anarquista que lutou contra o fascismo». Termina a «Batalha» por desejar «ver uma explicação dada pelos stalinistas portugueses, sobre aquêle ato do governo Russo».

Mesmo sem a expressão desse desejo por parte da C.G.T., nós devíamos procurar elucidar este caso ante os trabalhadores revolucionários e anti-fascistas.

Por isso, pedimos informações sobre o caso.

Desde já podemos dizer que a URSS não nega a nenhum anarquista ou perseguido por delictos sociais, o direito de asilo. O caso de Casanellas anarquista espanhol refugiado na URSS, depois dedicado combatente do Comunismo, comprova, como o de tantos outros, a nossa afirmação. A adesão recente ao comunismo, do anarquista russo emigrado, Archinov, pessoa que tem merecido sempre aos meios anarquistas, espanhóis sobretudo a maior consideração prova bem a ideia em que é tida a lealdade revolucionária do governo russo.

Aliás, a própria nota do Comité Internacional da Defesa Anarquista mostra, a incerteza que tem no que afirma: «Petriani admitindo a hipótese de que tenha querido essa extradição...»

Repelimos: já pedimos indicações concretas a este respeito, que publicaremos, mal as recebermos.

Em Memória da COMUNA

Continuado da 4.ª página

de operários, despertando as suas esperanças e conquistando as suas simpatias para o socialismo. O troar dos canhões de Paris acordou do seu sono profundo as camadas sociais mais atrasadas do proletariado e deu, em toda a parte, um novo impulso ao desenvolvimento da propaganda revolucionária socialista. Eis porque a obra da Comuna não morreu; ela vive, ainda, em cada um de nós.

A causa da Comuna é a da revolução social, a causa da emancipação integral, política e económica dos trabalhadores, a causa do «proletariado universal». Neste sentido é imortal!

ANUNCIADO a «sopa» e outras: há em que a miséria é tanta, os pobres em tal número que acontece como a dolorosa comichidade que segue:

«Valongo» 19 - Foram afixados editais a proibir que, do dia 1 de Fevereiro em diante, os pobres de outros concelhos possam pedir esmola em Valongo. Aos mendigos daqui serão forçados a usar CHAPA e um CARTÃO de INDENTIDADE, sem o que não poderão pedir. (Século de 28 de Janeiro)

Passamos do estado corporativo ao estado MUNICIPAL.

Do protecçãoismo alfandegário, passa-se ao PROTECCIONISMO dos mendigos concelhos. A miséria que aqui se revela é das que se não podem encobrir. Contudo, rotula-se isto, simplesmente, com o mais burguês dos títulos: Repressão da mendicidade. Tal qual. É a esta sociedade que assim REPRI-ME a MENDICIDADE, e a este fascismo criminoso e inútil que nós devemos a situação angustiada desse bando que são todos os trabalhadores portugueses.

Não somos nós quem o afirma. Não são informações nossas que aqui traz mos. Abre o «Notícias» de 12 de Fevereiro e sabe, camarada, que em Lisboa, nessa «linda Lisboa» em que se empazinam e se refasteiam os convidados venais do Ferro «deverão estar recebendo o auxílio da Santa Casa, em sopa e pão cerca de 34.000 indigentes».

Lêst: camarada? TRINTA E QUATRO MIL INDIGENTES, confessados, só em Lisboa. Eis a FELICIDADE que o Estado Novo dá.

A grande burla morreu já. Acabou em fins de Fevereiro como se os pobres tivessem só fome até 29 de Fevereiro nos anos bissextos, ou o inverno não continuasse mais horrível ainda, por este mês de Março.

A burla do Socorro de Inverno desapareceu. Como aqui previmos, nada trouxe aos pobres e famintos. Coordenou uns serviços onde já havia distribuição de sopa, (é o caso de Lisboa e mais algumas sédes de concelhos) e nada mais.

Auxílio efectivo — nada. Na maioria de lugares nem a comissão se constituiu, noutros, constituída a comissão, nada fez porque o dinheiro enviado permitia só um leve bodo por uma só vez.

O Socorro de Inverno acabou mas a fome continua. Os desempregados não devem consentir que as suas famílias estoirem de fome. Por isso, naqueles lugares onde foi reduzido o número de pessoas que recebem a sopa, devem todos os que têm fome e não podem dar de comer aos seus, reunir-se e ir aos locais das SOPAS buscar a sua alimentação, ir às camaras, juntas de freguesias, grandes lavradores e comerciantes impôr a execução da máxima justíssima: «Pão ou trabalho!» Camaradas, não é na miséria aviltante da esmola que podemos conseguir a vida para todos os que sofrem! Assim só lhe adianta a morte. Nada de atos individuais! Obriguemos todos os que têm muito a dar a todos os que não tem. Obriguemos Salazar a criar o seguro do desemprego, à custa do Estado e do patronato! Não nos deixemos matar e aos nossos! Por uma organização nacional de desempregados!

Novo ataque do Fascismo AO POVO

Não contente com a exportação do trigo a \$60, enquanto nós continuamos a pagar o pão caríssimo e de má qualidade, o governo fascista acaba de arranjar nova maneira de proteger os magnats da agricultura e moagem, autorizando a exportação de farinhas de trigo «aos preços dos mercados externos». Como para os trigos em grão, o pagamento é feito, agora, ao preço da tabela e o prejuízo resultante da diferença será compensado pela taxa de \$22,5 por quilo de trigo das colheitas futuras.

Que quer dizer toda esta engrenagem maldita em que passamos a pagar a preços de prejuízo, enquanto, em Portugal, grande parte da população sofre a mais negra das fomes porque, nem sequer, pode comprar o pão indispensável? Simplesmente isto: Que o Estado novo pretende, por um lado, eliminar os pequenos cultivadores que não se intimidaram ante o último decreto cerealífero, com a redução encaipotada da tabela do trigo; em segundo lugar que a ditadura, por esse próprio facto, favorece os grandes lavradores que com o crédito da Federação dos Trigos, nas suas mãos e maquinaria que só eles podem empregar, conseguirão um lucro da sua produção; que os pequenos produtores não podem sequer ter; em terceiro lugar, o governo favorece a Moagem, um dos dirigentes da vida publica portuguesa, porque como diz há dias o «Século» (que fala nisto por representar um bloco de interesses oposto ao da Moagem e Associação de Agricultura, o da União Fabril e anexos) entre o vai e vem de documentos, a moagem irá adquirindo para o pão 1\$80, 2\$00 e 3\$00, trigo a \$60.

Finalmente o «governo nacional» de Salazar procura reduzir os stoks de trigo que há dois anos apodrece, vendendo o podre (não o pode exportar, claro está) aos portugueses e comerciantes do bom da última colheita.

Que concluir desta tática maldita? Isto sómente:

Ante um ato agrícola péssimo como vai ser este em que estamos, Salazar prepara, às ordes da Moagem, o regresso parcial ao trigo importado. Para isso se esforça numa azáfama criminosa de exportar a todo o preço, enquanto, tacitamente, confessa que a Federação de Trigos não pode resolver a sua missão nem sob o ponto de vista do pequeno produtor, nem do consumidor, nem do próprio trigo que não consegue armazenar em condições que, como agora, o não apodreçam.

O problema do trigo resolve-se:

- a) Pelo aumento do consumo das massas trabalhadoras;
- b) Pela compra imediata, ao preço da tabela, de todo o trigo existente;
- c) Pela nacionalização e consequente organização da grande moagem;
- d) Pela protecção dos pequenos produtores à custa dos grandes;
- e) Pelo subsídio de desemprego;
- f) Pelo aumento de salários dos trabalhadores rurais.

Assim, e só assim, se resolve o PROBLEMA DOS TRIGOS. Isto não faz Salazar porque luta contra os que o têm no poder. Há-de-o fazer a Frente Popular.



STALINE FALA DO PERIGO DE GUERRA



O camarada Stáline deu nos princípios deste mês uma entrevista sobre o perigo de guerra e a posição da URSS a tal respeito. Seguidamente, a pedido do jornalista americano que o entrevistou, analisou a posição dos comunistas americanos e perante o Estado americano e as convenções diplomáticas entre os Estados Unidos e a URSS. A terminar a entrevista, Stáline demonstrou a falácia do pretensão «socialismo estatal» da Alemanha e Itália, patenteou os progressos da URSS e justificou a democratização da constituição soviética pelo voto livre, igual, directo e secreto.

Como de costume, a imprensa burguesa falsificou, vergonhosamente, as declarações do camarada Stáline, procurando assim lançar a desconfiança nos meios revolucionários e anti-fascistas.

Assim, o «Diário de Notícias» fez que Stáline, como qualquer conselheiro caquético, se referisse aos direitos «dos países pequenos sobre as colónias que com a sua ciência e esforço haviam descoberto» só faltando indicar, concretamente, o Império Colonial e o soba Salazar-Armando Monteiro.

O «Diário da Manhã» organizador mais habil da provocação atribui ao nosso camarada Stáline, a declaração de que «O GOVERNO SOVIÉTICO NADA TEM DE COMUM COM ACTIVIDADES COMUNISTAS NOS PAISES ESTRANGEIROS» o que está certo, mas acrescenta-lhe esta falsíssima e estúpida justificação «POIS QUE ELAS SÃO ABSOLUTAMENTE CONTRÁRIAS A NOS-SA (DO COMUNISMO) ORIENTAÇÃO POLITICA, QUE CONSISTE EM MANTERMOS A MAIS ESTREITA E LEAL COLABORAÇÃO DE TODOS OS POVOS SOB O PONTO DE VISTA DE INTERESSES ECONOMICOS E NUNCA COM OBJECTIVOS POLITICOS PRECONCEBIDOS».

Para estabelecer a verdade e dar a todos os nossos camaradas a leitura das declarações de Stáline publicamos a seguir a tradução integral da parte da entrevista que nos interessa agora.

MOSCOVO—Os diários desta cidade publicam uma entrevista do camarada Stáline com o jornalista americano Howard.

—Quais serão, na sua opinião, as consequências dos últimos acontecimentos no Japão, no que toca a situação do Extremo-Oriente?

Stáline respondeu: —É difícil dizê-lo já; não existem ainda suficientes elementos de juízo. O quadro não é bastante claro.

—Qual seria a atitude da União Soviética no caso do Japão se decidisse atacar a República popular da Mongólia?

—Caso o Japão se decidisse a atacar a República popular da Mongólia, tentando contra a sua independência, nós deveremos ajudar a República popular da Mongólia. O seu comissário de Negócios Es-

trangeiros, camarada Stomontakov, declarou-o ultimamente ao embaixador japonês em Moscovo, indicando-lhe que a União Soviética mantém, desde 1921, relações amistosas com a República popular da Mongólia. Ajudaremos a República popular da Mongólia como a ajudamos em 1921.

—A tentativa japonesa de ocupar Ulam Bator, levará também a U.R.S.S. a uma acção positiva?

—Sim, conduzirá. —Durante os últimos tempos, os japoneses têm desenvolvido em torno da República da Mongólia uma actividade que pode ser considerada na U.R.S.S. como agressiva.

—Parece que os japoneses continuam acumulando tropas na fronteira da República popular da Mongólia, mas não se nota, por agora, nenhuma tentativa de colisão.

—Considere a União Soviética que a Alemanha e a Polónia têm propósitos agressivos contra ela e preparam uma colaboração militar que deve facilitar a realização destes propósitos?

—Enquanto a Polónia declara não querer permitir a qualquer classe de tropas estrangeiras a utilização do seu território como base de operações contra um terceiro estado, esses factos realizam-se.

—Que se pensa na URSS de um ataque por parte da Alemanha? De que posições, em que direcção podem operar as tropas alemãs?

—A história ensina-nos que quando um Estado qualquer quer fazer guerra a um outro Estado, mesmo que não seja seu vizinho, começa por buscar uma fronteira, pela qual possa invadir o Estado que quer atacar. Habitualmente, o Estado agressor encontra essas fronteiras. Encontra-as, quer empregando a violência, como fez a Alemanha em 1914, quando invadiu a Bélgica na sua ofensiva contra a França, quer adquirindo umas fronteiras «a crédito» como o fez a mesma Alemanha com a Letónia em 1918 para atravessar o território desta e abrir caminho para o Leningrado. Não sei com exactidão que fronteiras pode utilizar a Alemanha para realizar os seus fins mas penso que pode encontrar quem lhe proporcione fronteiras a crédito.

—O mundo inteiro fala de guerra. Se a guerra é verdadeiramente, quando deve estalar, segundo a sua opinião?

—É impossível prevêê-lo. A guerra pode estalar de uma maneira inesperada. ACTUALMENTE AS GUERRAS NÃO SE DECLARAM. COMEÇAM, SIMPLEMENTE. Mas, por outro lado, considero que as posições dos amigos da Paz consolidam-se. Os amigos da paz podem trabalhar abertamente porque se apoiam sobre o poder da opinião pública e têm à sua disposição instrumentos tão poderosos como, por exemplo, a Sociedade das Nações. E esta é a vantagem dos amigos da paz. A sua força reside no facto de que a sua activi-

dade contra a guerra se apia na vontade dos grandes povos populares. NO MUNDO INTEIRO NÃO EXISTE UM SO POVO QUE DESEJE A GUERRA. Por isso os inimigos da paz estão obrigados a trabalhar em segredo. Esta é uma desvantagem para os inimigos da paz. Contudo, não está excluído que, justamente por isto, possam decidir-se a empreender uma aventura militar como um ato de desespero. Um dos mais recentes triunfos da causa dos amigos da paz é a ratificação do pacto de assistência mútua pela câmara dos Deputados francesa. Este pacto constitui um certo obstáculo para os inimigos da paz.

—Se estalar a guerra, em que parte do mundo pode desencadear-se em primeiro lugar? Onde acumulam mais núvens tempestuosas, no Oriente ou no Ocidente?

—Segundo o meu critério, existem dois focos de ameaças de guerra. O primeiro encontra-se no Extremo-Oriente, na zona do Japão. Tenho visto declarações repetidas dos militares japoneses com ameaças de se lançarem contra outros Estados.

O segundo foco encontra-se na zona alemã. É difícil dizer qual destes dois focos é mais ameaçador, mas os dois existem e actuam. Em comparação com estes dois focos principais de perigo «uma conflagração, a guerra italo-etiope é um episódio. Neste momento, o foco ameaçador do Extremo-Oriente manifesta a maior actividade. E possível, não obstante, que o centro desta actividade se deslocue para a Europa. A recente entrevista de Hitler a um jornal francês dá testemunho disso. Nesta entrevista, o senhor Hitler procura na aparência, pronunciar palavras pacíficas, mas confunde tão visivelmente o seu «amor à paz» com ameaças contra a França e URSS que dêsse amor a paz nada fica. Como vê, QUANDO O SENHOR HITLER QUERE FALAR DE PAZ, NÃO PODE PRESCINDIR DE AMENÇAR. ISTO É UM SINTOMA.

—Em que consiste, na sua opinião, a causa fundamental do perigo actual de guerra?

—No capitalismo.

—Em que manifestações do capitalismo, precisamente?

—Nas suas manifestações imperialistas. Há-de recordar-se como surgiu a primeira guerra mundial. Surgiu do desejo de realizar uma nova partilha do mundo. Estamos actualmente, em presença dos mesmos motivos. Certos Estados capitalistas que se consideram prejudicados na partilha antecedente das esferas de influência sobre os territórios coloniais, fontes de matérias primas, mercados, etc, desejam uma nova partilha a seu favor. O capitalismo na sua fase imperialista, é um sistema que considera a guerra como um método legítimo para resolver as contradições internacionais, método legítimo se não de direito, pelo menos de facto.

—Não acham que nos países capi-

talistas pode existir, ignora- e le recio fanad de que URSS possa dicio-se a por pela violência as suas teorias políticas a outros povos?

—Não existe nenhum fundamento para semelhante receio. Se pensa que os cidadãos soviéticos querem mudar, eles próprios, e aos outros, pela violência, a fisionomia dos Estados vizinhos, engana-se completamente. Naturalmente, OS POVOS SOVIÉTICOS DESEJAM QUE A FISIONOMIA DOS ESTADOS VIZINHOS MUDE, MAS ISSO É UMA QUESTÃO DOS PROPRIOS VIZINHOS. NÃO VEJO POR QUE OS ESTADOS VIZINHOS PODEM VER UM PERIGO NAS IDEIAS DOS POVOS SOVIÉTICOS SE VERDADEIRAMENTE ESSES ESTADOS ESTÃO FIRMEMENTE CONSOLIDADOS.

—A vossa declaração significa que a URSS renuncia de algum modo aos seus planos e propósitos de fazer a Revolução Mundial? Parece-me senhor Stáline, que no mundo inteiro se tem tido durante muito tempo outra impressão. É isso resultado de um equívoco trágico?

—Não, cômico. Ou melhor, trágico. Nós os marxistas, consideramos que a revolução se realizará nos outros países. Mas, A REVOLUÇÃO NÃO TERÁ LUGAR SENÃO QUANDO OS REVOLUCIONARIOS DE ESSES PAISES ACHEM QUE É POSSIVEL OU NECESSARIA A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO É UM ABSURDO. CADA PAIS, SE O DESEJAR, FARÁ ELE PROPRIO A SUA REVOLUÇÃO E SE O NÃO DESEJA NÃO A FARÁ. O nosso país por exemplo, quis fazer a Revolução e fez-la. E agora nós edificamos uma nova sociedade sem classes.

—Mas afirmar que queremos fazer a Revolução noutros países, imiscuindo-nos na sua vida, significa pretender o que nós jamais preconizamos.

—Mas Espanha e em França, aumentam dia a dia as liberdades e os direitos do Povo, porque unidos todos conseguem desembaraçar-se da canalha fascista, e nós portugueses, há dez anos que estamos sob a mordada de Salazar.

—Não acrediteis no que dizem os jornais portugueses porque estão ao serviço da Ditadura Fascista. Povo! Que esperais de tão vis assassinos que nos governam? A morte pela fome?! Não! Não devemos esperar mais! 10 anos de tiranias e assassínios já bastam. Criemos a união de todos os trabalhadores. Corramos às prisões a libertar os milhares de camaradas das masmorras!

Viva a U.R.S.S. Viva a Frente Popular!

—Nós achamos que nos países capi-

talistas pode existir, ignora- e le recio fanad de que URSS possa dicio-se a por pela violência as suas teorias políticas a outros povos?

—Não existe nenhum fundamento para semelhante receio. Se pensa que os cidadãos soviéticos querem mudar, eles próprios, e aos outros, pela violência, a fisionomia dos Estados vizinhos, engana-se completamente. Naturalmente, OS POVOS SOVIÉTICOS DESEJAM QUE A FISIONOMIA DOS ESTADOS VIZINHOS MUDE, MAS ISSO É UMA QUESTÃO DOS PROPRIOS VIZINHOS. NÃO VEJO POR QUE OS ESTADOS VIZINHOS PODEM VER UM PERIGO NAS IDEIAS DOS POVOS SOVIÉTICOS SE VERDADEIRAMENTE ESSES ESTADOS ESTÃO FIRMEMENTE CONSOLIDADOS.

—A vossa declaração significa que a URSS renuncia de algum modo aos seus planos e propósitos de fazer a Revolução Mundial? Parece-me senhor Stáline, que no mundo inteiro se tem tido durante muito tempo outra impressão. É isso resultado de um equívoco trágico?

—Não, cômico. Ou melhor, trágico. Nós os marxistas, consideramos que a revolução se realizará nos outros países. Mas, A REVOLUÇÃO NÃO TERÁ LUGAR SENÃO QUANDO OS REVOLUCIONARIOS DE ESSES PAISES ACHEM QUE É POSSIVEL OU NECESSARIA A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO É UM ABSURDO. CADA PAIS, SE O DESEJAR, FARÁ ELE PROPRIO A SUA REVOLUÇÃO E SE O NÃO DESEJA NÃO A FARÁ. O nosso país por exemplo, quis fazer a Revolução e fez-la. E agora nós edificamos uma nova sociedade sem classes.

—Mas afirmar que queremos fazer a Revolução noutros países, imiscuindo-nos na sua vida, significa pretender o que nós jamais preconizamos.

—Mas Espanha e em França, aumentam dia a dia as liberdades e os direitos do Povo, porque unidos todos conseguem desembaraçar-se da canalha fascista, e nós portugueses, há dez anos que estamos sob a mordada de Salazar.

—Não acrediteis no que dizem os jornais portugueses porque estão ao serviço da Ditadura Fascista. Povo! Que esperais de tão vis assassinos que nos governam? A morte pela fome?! Não! Não devemos esperar mais! 10 anos de tiranias e assassínios já bastam. Criemos a união de todos os trabalhadores. Corramos às prisões a libertar os milhares de camaradas das masmorras!

Viva a U.R.S.S. Viva a Frente Popular!

—Nós achamos que nos países capi-

PARA A GUERRA

Continuado da 1ª. pagina e pela burguesia.

Na Espanha e em França, aumentam dia a dia as liberdades e os direitos do Povo, porque unidos todos conseguem desembaraçar-se da canalha fascista, e nós portugueses, há dez anos que estamos sob a mordada de Salazar.

—Não acrediteis no que dizem os jornais portugueses porque estão ao serviço da Ditadura Fascista.

Povo! Que esperais de tão vis assassinos que nos governam? A morte pela fome?! Não! Não devemos esperar mais! 10 anos de tiranias e assassínios já bastam. Criemos a união de todos os trabalhadores. Corramos às prisões a libertar os milhares de camaradas das masmorras!

Viva a U.R.S.S. Viva a Frente Popular!